

## **Ecomuseu Nega Vilma: patrimônio cultural no pico do Santa Marta**

*Kadão Costa\**

*Dell Delambre\*\**

*Pollyanna de Azevedo Ferrari\*\*\**

### **Resumo**

O Ecomuseu Nega Vilma dialoga com múltiplos atores e autores sociais. O seu nome carrega a densidade de uma memória resistente que não está presente nos museus nacionais do país; traz as marcas de uma mulher brasileira, negra, pobre e moradora de uma favela; traz perguntas que remetem às estruturas hegemônicas de poder do país, às discriminações, à história cultural que vem da denominada “periferia” e que depois ganha “centralidade”.

Palavras-chave: Ecomuseu. Nega Vilma. Santa Marta. Museologia Social. Patrimônio Cultural.

A história do Ecomuseu Nega Vilma existe muito antes dele se constituir como instituição. É bem verdade que a *práxis* cotidiana do Ecomuseu dialoga com propostas de pensadores como Hugues de Varine, Mário Moutinho, Peter Van Mensch, Paula Assunção dos Santos, Leotine Meijer-Van Mensch, Peter Davis, Mário Chagas e outros, que, com suas peculiaridades, atualmente se debruçam para compreender essas novas experiências *museais*: Nova Museologia, Museologia Social, Sociomuseologia ou Ecomuseologia ou mesmo a Museologia como ciência, o debate está aberto. No entanto, antes do Ecomuseu Nega Vilma ser inserido em um debate acadêmico, precisamos registrar a sua memória. A singularidade dessa experiência começa em seu nome – Ecomuseu Nega Vilma.

### **Mas por que Nega Vilma?**

O nome desse Museu já carrega a densidade de uma memória resistente que, dificilmente, estaria estampada nos portais de grandes museus nacionais do país. Só esse nome provoca o diálogo às avessas com a *Crise de Paradigma* (Thomas Kuhn) ou com *A Condição Pós-moderna* (Jean-François Lyotard) ou com *O Mal da Pós-modernidade* (Zygmunt Bauman). O nome traz as marcas de uma mulher, negra, pobre, moradora de uma favela e brasileira; traz perguntas que remetem às estruturas hegemônicas de poder do país, às discriminações, à história cultural que nasce perseguida na periferia e que depois ganha centralidade, “agoniza [como diria o sambista e compositor Nelson Sargento] mas não morre”; mas o nome também remete à questões contemporâneas, discutidas em vários lugares do mundo: crise ecológica, sabedorias baseadas na *razão sensível*, nas antigas tradições africanas e orientais.

### **A memória de Geralda, raiz da árvore: de onde, quem são e por quê?**

Antes de falar sobre a história de Nega Vilma, é importante acessar a memória de sua mãe Geralda. Oriunda de uma família

de Minas Gerais, com aproximadamente, 18 irmãos, Geralda, entre 13 e 14 anos de idade, chegou ao Rio de Janeiro para ajudar o irmão, João Damasceno. Ele, um dos mais velhos, trabalhava no Rio de Janeiro e cooperava financeiramente com a família que atuava como meeira em Minas Gerais. Geralda, ainda adolescente, foi abusada pelo irmão e engravidou. O destino não quis que a criança fosse vendida para um casal de estrangeiros que aguardava seu nascimento na maternidade de Laranjeiras. Geralda recebeu guarida, afeto e cuidado no morro Santa Marta. Em pouco tempo e como memória resiliente da favela, Geralda transformou a dor em poder de resistência e solidariedade. Fincou suas raízes no morro do Sossego. Lá nasceriam os oito filhos: Nega Vilma, Walmir, Mestre Sorriso (Waldir), Vanusa, Rosângela, Roberto, Nena e Valfredo. Com os filhos todos pequenos, Geralda recebeu a informação de que o local onde morava seria removido. Foi na época da controversa remoção, conduzida pelo governador Negrão de Lima, realizada após o incêndio supostamente criminoso, ocorrido em 1969, na Praia do Pinto, no Leblon, nas proximidades da Lagoa Rodrigo de Freitas, área que hoje é um dos metros quadrados mais caros da cidade do Rio de Janeiro. Geralda, ao saber que seria removida para regiões distantes da Zona Sul, colocou literalmente seu barraco na cabeça e seguiu para o pico do Santa Marta.

No pico do Santa Marta, Geralda e Nega Vilma escreveriam uma história construída com uma vida de intensa relação comunitária. Mulher forte de grande liderança, Geralda se transformaria em mãe de todos. São incontáveis os que por ela foram amamentados (filhos de leite) e que ainda hoje podem ser encontrados nas vielas do morro. Sua casa, local onde está o Ecomuseu Nega Vilma, seria uma extensão africana na zona sul do Rio: samba, capoeira, feijoada e a religião dos escravos. O terreiro de Geralda, há 50 anos, protagonizava no morro Santa Marta aquilo que hoje é tido como inovação: seu quintal foi um dos primeiros espaços no morro que reunia pessoas do asfalto e da favela. Por longo tempo, o quintal foi frequentado pela família baiana do antigo capoeirista Rafael, fundador do Grupo Senzala, um dos mais famosos grupos de

capoeira. E falando do Grupo Senzala, temos que citar o Mestre Sorriso, irmão de Nega de Vilma e também um dos fundadores do grupo, junto com o amigo Mestre Garrincha, ambos do morro Santa Marta.

### **Memória simbólica de muitos brasileiros: arte, culinária, música, religião, festa e superação**

Na família de Geralda e Nega Vilma é possível detectar os símbolos da memória do morro e de elementos centrais da cultura brasileira que fazem parte da memória viva do Ecomuseu: arte, música, culinária, ecologia e integração da favela com o asfalto. Geralda: matriarca, raiz, elo com a África. Filhos: Nega Vilma – continuidade e extensão da mãe, herdeira das ações de interação com a comunidade, do conhecimento da ecologia, da mata e da assistência social por meio de rezas, chás e banho de ervas; Mestre Sorriso – capoeira e música; Walmir – culinária e samba; Rosa da Costa – artes plásticas; Roberto – liderança comunitária; e Kadão Costa – ciências sociais e produção cultural.

### **Mas por que o nome Nega Vilma no Ecomuseu?**

Porque a mãe Geralda e a filha Vilma, sempre estiveram juntas no serviço à comunidade. Quando a mãe faleceu, Nega Vilma assumiu a responsabilidade de dar continuidade a esse trabalho e preservar essa memória. Como disse Walmir, “Nega Vilma viveu para isso, essa era a vida dela. Herdou naturalmente tudo da mãe”. Mesmo assim, Nega Vilma era diferente, completamente peculiar. Segundo o artista plástico Mário Barata, “Nega Vilma era uma Cidade”. Nunca entrou numa escola e conhecia por nome todas as plantas da mata do Santa Marta. Fato que atraía inúmeras pessoas da favela e do asfalto para seu quintal. Mas Vilma nunca foi santa; foi, isto sim, “um ser humano inexplicável, fascinante”, afirmou o artista do papelão Sérgio César. Vilma era capaz de sair correndo à noite na favela, após tomar uma cachaça para suportar as agruras

da vida, e de manhã, estavam pessoas em seu portão, buscando a reza para espinhela caída, quebranto ou simplesmente para, psicologicamente, suportar a vida numa favela sem os serviços básicos de saúde e o risco constante de morte-vida. Nega Vilma remonta tradições antigas das rezadeiras e parteiras, que atualmente quase não existem no ambiente urbano latino-americano e muito menos no contexto da Europa.

### **Mais alguém poderia ainda indagar: então o Ecomuseu Nega Vilma é um museu familiar?**

O Ecomuseu Nega Vilma é um museu comunitário, da favela, que parte de uma história familiar que carrega os símbolos, primeiro da favela, depois, da identidade miscigenada do Brasil. Essa é uma história familiar que, ao ser musealizada, não pertence mais à família, porque guarda, como memória simbólica, correspondência com a memória e a história de milhares de brasileiros e brasileiras, residentes ou não nas favelas. São as Geraldas, as Negas Vilmas e os Sorrisos que também ajudaram a formar a diversidade cultural do Brasil. O Ecomuseu Nega Vilma carrega, no nome, a memória de muitas mulheres que, no Brasil, foram decisivas para a criação, manutenção e transformação cultural.

O Ecomuseu Nega Vilma, à semelhança de outros museus situados em favela, contribui para a superação da separação entre morro e asfalto, entre centro e periferia; sem abrir mão de sua identidade resistente e provocativa. Em certa medida, o Ecomuseu guarda o sonho de muitos brasileiros pelo direito à terra, à moradia e pela defesa da reforma agrária e urbana. E, numa lógica reversa, o Ecomuseu acena também para a crítica às estruturas que inviabilizam a consolidação da democracia.

A essência desse Ecomuseu advém da proposta de preservação e disseminação das manifestações socioculturais locais, tomando como ponto de partida Nega Vilma, para estimular o registro de muitas outras memórias existentes. O Ecomuseu Nega Vilma, então, pode definir-se como um espaço de intercâmbio cultural

através do patrimônio imaterial formado pelo conhecimento da mata, da cultura artística, da culinária, da história social, religiosa e urbanística do alto da comunidade Santa Marta. Está a serviço do desenvolvimento da comunidade a partir da valorização da história local e do patrimônio nela existente a fim de viabilizar um espaço de troca de experiências através da sensibilização, formação e pesquisa.

A ideia é que a comunidade se aproprie de suas memórias para afirmar-se e legitimar seus próprios valores. Sendo assim, o Ecomuseu Nega Vilma pretende ser um instrumento para convocar à ação, por se tratar de um espaço onde a reflexão sobre a memória culmina em iniciativas para intervir nessas histórias e transformá-las. A relevância do Ecomuseu Nega Vilma consiste em criar estratégias de empoderamento da comunidade e de preservar esse local como um lugar de memória. É fundamental para formação de cidadãos o conhecimento, o registro e a valorização de suas raízes.

A preparação do ritual de banho de ervas da Nega Vilma, suas rezas e muitos momentos de sua existência também estão documentados em fotos e vídeo. A partir de um trabalho realizado, desde 1998, pelo fotógrafo Marco Terra Nova e pelo seu produtor Kadão Costa, vem sendo criado um acervo com imagens que retratam o cotidiano da comunidade Santa Marta. Essas imagens também mostram um olhar sensível sobre a arquitetura da comunidade Santa Marta registrando um lugar em constante transformação. Foram realizadas exposições desse material no evento Foto Rio 2003 dentro da comunidade, na Semana de Humanidades na Universidade Cândido Mendes (UCAM), em 2006, e no Baukurs Cultural, em 2011. Além disso, há uma exposição permanente do acervo no Ecomuseu Nega Vilma composto pelo material citado acima, por obras de artistas locais, peças oriundas das oficinas, bem como de registros audiovisuais.

Rogério Reis, curador da exposição “Santa Marta dos anjos” que apresentou no Baukurs Cultural<sup>1</sup> o trabalho fotográfico de Marco Terra Nova, faz o seguinte comentário:

Santa Marta, apresentado aqui, é um registro social que produz diálogos entre dignos retratos dos moradores da comunidade com paisagens da arquitetura local somados a uma série de anjos construídos, uma alegoria que nos sugere a morte de jovens por bala perdida antes da presença das UPPS em parte das favelas da nossa cidade. Nesse trabalho Terranova, levado pelas mãos do seu amigo Kadão Costa, também testa a sua disciplina e determinação fora dos domínios do jornal. Hoje ele se auto-sugere e produz seus próprios temas. Santa Marta é uma pauta em construção que já dura 13 anos, o que significa que o tempo pode ser amigo dos bons fotógrafos e como diz o poeta Chacal, a paciência é revolucionária.

### **Um peculiar exemplo para o debate sobre Museologia Social: museu dos rostos suados e afetivos**

Essas peculiaridades fazem do Ecomuseu Nega Vilma um bom projeto para os estudos de museologia social, pois, antes de se pensar numa teoria que pudesse interpretar sua prática museológica, esse ecomuseu já existia como *quintal de memória resistente, criativa e festejada*. Antes da sua institucionalização como ecomuseu, intuitivamente, essas guerreiras e guerreiros, pessoas que não tiveram acesso ao conhecimento formal da universidade, praticavam a museologia da vida e elaboravam a Museologia do Afeto como sustentabilidade dos valores da vida. Lembramos do dia em que preparávamos a pequena casinha do ecomuseu para uma exposição. Uma jovem senhora do morro, com um lenço de trabalho na cabeça, pediu para ver uma foto, pois no horário de abertura do ecomuseu, ela estaria no trabalho. Foram apenas por alguns minutos que ela olhou a foto. Seus olhos brilhavam e a face reluzia de felicidade e sentido. Ela mirava apenas numa foto do acervo, surrada pelo tempo, que estava na parede do pequeno quartinho do ecomuseu, antiga cozinha de Nega Vilma, falecida em 2006. Ao finalizar seu ritual de memória, ela nos relata: aquela sou eu, estava grávida na época. Minha filha hoje tem quinze anos. Venho aqui quando posso. Sinto muita saudade do tempo que ela estava em minha barriga. Aqui vejo minha história. Essa é a Museologia do Afeto.

## **Ecomuseu Nega Vilma: caminhada com simplicidade**

Diferentes mãos amarraram os laços dessa memória até o Ecomuseu Nega Vilma conseguir retirar seu CNPJ e se tornar uma instituição, fato que aconteceu no início do ano de 2013. Isso porque, ecomuseu ele sempre foi, mesmo quando não conhecíamos a palavra e o conceito a ela vinculado. Mas, um outro tipo de empoderamento aconteceu quando o animador cultural Nelson Crisóstomo, pesquisador das trilhas de escravos no Rio de Janeiro, chegou ao morro Santa Marta. Sua parada final seria o quintal de Nega Vilma, Rua da Tranquilidade, n. 3, casa 2, início de muitas histórias. Ao descobrir esse poço de memória viva, ele rapidamente afirmou para Kadão Costa: “Aqui já existe um Ecomuseu!”.

Em mensagem enviada a Kadão Costa, no dia 13 de maio de 2010, Nelson Crisóstomo expressa-se nos seguintes termos:

O Ecomuseu do morro é um espaço de memória, de lembranças e esquecimentos. O Ecomuseu Nega Vilma é um lugar de expressão individual e coletiva onde o personagem empresta referências materiais e imateriais das tecnologias ancestrais de manejo ambiental e de relação com o tecido social circunvizinho. A fauna, a flora, as nascentes, os sons, os cheiros, os sabores do morro. Todos os sentidos revisitados no decorrer de nosso tempo. Santa Marta, morro de saudades... de você, minha Vilminha!

Em 2010, chegaram os representantes do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) na pessoa do museólogo Mario Chagas que construiu uma história de poemas e memórias com o Ecomuseu Nega Vilma. Mantendo a tradição herdada da avó Geralda, do pai Walmir e da Tia-mãe Nega Vilma, Kadão Costa conservou o espaço como um lugar de encontro e de manifestações culturais diversas. Essa talvez seja uma grande marca do Ecomuseu Nega Vilma. Não é preciso grandes financiamentos para o ecomuseu acontecer. Ele já é, na medida que, na simplicidade, torna a memória do passado viva no presente com ações continuadas.

## **Institucionalização da memória do Ecomuseu Nega Vilma: um ato político de direito à memória**

Após perceber os constantes desafios surgidos da vivência cotidiana da comunidade, o processo acelerado de mudanças urbanas que atinge as favelas da Zona Sul e os problemas sociais do morro Santa Marta, o Ecomuseu Nega Vilma compreendeu que a institucionalização da memória fazia parte de um processo político imprescindível para um engajamento planejado em situações específicas na favela e na cidade do Rio de Janeiro. O Ecomuseu Nega Vilma abriu outro capítulo na sua história, com uma nova equipe, intermináveis discussões, idas e vindas, até conseguir construir um estatuto e definir provisoriamente sua missão. Nessa nova fase, várias pessoas foram importantes: Cida, Michele, Zeca Barros, Roberto, Walmir, Ladislau, Julyanna Costa, Dell Delambre, Kadão Costa, Pollyanna Ferrari, Lucas Tibúrcio e outras pessoas que, anonimamente, foram importantes nesse processo. Numa segunda etapa do Ecomuseu Nega Vilma, por questões de tempo e identidade, houve uma redução na equipe. Começaria uma árdua caminhada para elaboração da missão, construção de um plano de sustentabilidade e legalização jurídica, isto é, fundação institucional com CNPJ. Em janeiro de 2013, o Ecomuseu Nega Vilma teve sua institucionalização com Ata de Fundação, Estatuto e CNPJ. Em seu Estatuto, a Missão do Ecomuseu foi definida nos seguintes termos:

O ECOMUSEU NEGA VILMA tem por missão ser uma instituição de referência na afirmação e preservação das memórias material, imaterial e territorial em tempos de mutação urbana e na promoção dos valores eco-sócio-culturais da comunidade do Santa Marta, contribuindo com a efetiva integração sustentável desta comunidade com a cidade do Rio de Janeiro e a sociedade brasileira, a partir de atividades de responsabilidade social, que promovam a dignidade humana e as sabedorias de resistência oriundas da favela, enfatizando a Educação, a Cultura e a “Sustentabilidade” dos Valores da Vida<sup>2</sup>.

Nesse sentido, o Ecomuseu Nega Vilma configura-se como um espaço onde a reflexão sobre memória culmina em iniciativas para intervir na dinâmica social da favela. Para tanto, o Ecomuseu recebeu o patrocínio do Ministério da Cultura, através do projeto elaborado por Kadão Costa e Pollyanna Ferrari, contemplado pelo edital Microprojetos para Territórios de Paz, auxiliando na realização de suas atividades em 2011. A partir desse projeto, foram realizadas oficinas de arte no papelão (Robinho), contação de história, oficina de memória, aulas de música (Lucas Tibúrcio), e apresentações do Grupo Fala Brasil, que possui uma parceria frequente com o Ecomuseu Nega Vilma.

O Ecomuseu Nega Vilma também se constitui como um lugar privilegiado de debate e de discussão construtivas entre os moradores e as esferas de governo. Podemos citar como exemplo a participação recente do Ecomuseu nos eventos e discussões contra a remoção do alto da comunidade proposta pelo Estado; na organização de um debate no dia da consciência negra, bem como na participação em discussão sobre a questão do lixo na comunidade, dentre outras iniciativas. Sendo assim, contamos com o importante diálogo e parceria com a Secretaria de Direitos Humanos, com a UPP social e demais entidades presentes na comunidade, além da integração com o IBRAM, Museu da Maré, Museu de Favela (MUF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), UCAM/IUPERJ, Associação de Moradores do Santa Marta, Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro, Colégio Eduardo Guimarães, Trama Afro-indígena e da parceria com o programa de documentação sustentáveis e consultoria em Sustentabilidade *Gol para o Planeta*. Em meados de 2013, foi confeccionado um site<sup>3</sup> com o intuito de divulgar as ações do Ecomuseu, expor seu acervo e de ampliar as parcerias do projeto.

### **Rodas de memória, pontes do passado com a memória do presente: *Oh! Nega de Memória!***

E como falamos de memória, gostaríamos de registrar alguns acontecimentos recentes que, certamente, já entraram para história

do Ecomuseu Nega Vilma e do pico do Santa Marta: participação no 1º *Encontro Nacional de Empreendedorismo Cultural*, em Belém; participação no *Cultura Brasil* de 2011 e de 2012; participação na exposição *TeciDOSer*, realizada em 2011, com telas da irmã de Nega Vilma, Rosa da Costa, que mora no Canadá e viveu toda sua infância no morro. Uma de suas obras se chama “Geralda”, a única imagem que se tem da mãe de Vilma. Para a primeira exposição de Rosa na comunidade Santa Marta, os curadores criaram o conceito *Através-do-Morro*. Telas foram espalhadas da última estação do plano inclinado até o quintal do ecomuseu, usando as casas dos moradores. Além disso, o ecomuseu foi representado no *IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários*, em Belém.

No dia 27 de fevereiro de 2013, realizamos a *Intervenção Cultural do Ecomuseu Nega Vilma*. Nesse dia, junto com representantes da comunidade, dialogamos sobre as remoções no pico do Santa Marta e na cidade do Rio de Janeiro. No dia 11 de maio de 2013, organizamos a exposição: *NÓ-SSAS RAÍZES*. Ensaio fotográfico de François Maurel. Com uma forma inovadora, parte das fotos foi projetada na tela, assim conversávamos sobre a relação entre a favela e a África, já que as fotos eram do continente africano. No dia 13 de julho de 2013, aconteceu a Roda de Memória: *Ecomuseu é Comunidade*. Apresentação do projeto para líderes comunitários. No dia 18 de julho de 2013, o Ecomuseu Nega Vilma organizou o evento, *Memórias da Senzala: 50 anos do Grupo de Capoeira Senzala*. No dia 28 de julho de 2013, realizamos a Roda: *Memórias das Geraldas*. Nesse dia, foi possível reunir os filhos Mestre Sorriso e Walmir, ambos residentes na França e relembrar algumas histórias. O Ecomuseu Nega Vilma também participou ativamente da construção do *Plano de Histórias e Memórias das Favelas* do Rio de Janeiro, discutido e elaborado junto com o governo do Estado, Secretaria de Direitos Humanos e moradores. Esteve na *Primavera dos Museus* no Museu da República e debateu outro modelo de sociedade na Rio+20, Rio Centro, e na Cúpula dos Povos, no Aterro do Flamengo.

## **Ecomuseu Nega Vilma: escrevendo a história do morro e conversando com o mundo**

Não temos dúvida que uma das grandes conquistas e alegrias do Ecomuseu Nega Vilma foi ter sido convidado para ser um dos anfitriões na cidade do Rio de Janeiro, na organização da *XV Conferência Internacional da Nova Museologia (MINOM)*, que aconteceu entre os dias 8 e 10 de agosto de 2013, no contexto da realização da *23ª Conferência do Conselho Internacional de Museus*, na Cidade das Artes, Rio de Janeiro. Por diversos motivos, essa participação foi importante para memória do Ecomuseu Nega Vilma, a começar pelo diálogo que se pode realizar com experiências do mundo inteiro, e pelo conhecimento de outras Geraldas e outras Negas Vilmas. Descobrir que a memória viva do morro é parte da memória quente do mundo, fato que ficou evidente com a projeção de imagens do ecomuseu no Arco do Teles, enquanto o Grupo Fala Brasil entoava sambas antigos que carregam as memórias do morro, foi muito importante. Por isso, vale relembrar o entendimento de Ecomuseu, incluído na comunicação apresentada no dia 8 de agosto, na abertura do encontro no Museu da República, pelo Consultor em Sustentabilidade do Ecomuseu Nega Vilma, Dell Delambre:

O Ecomuseu quebra hierarquias de poder; Ecomuseu se põe e se tira; Ecomuseu é sempre provisório: o que é hoje, pode não ser amanhã, podendo voltar a ser depois de amanhã; Ecomuseu é festa; Ecomuseu é simplicidade; Ecomuseu é memória e memória politizada, resistente e questionadora<sup>4</sup>.

Como sinônimo de uma etapa voltada para memória da memória, a partir da intuição de Nelson Crisóstomo, a equipe trabalhou para realização nos dias 18 e 19 de 2013, do *1º Seminário do Ecomuseu Nega Vilma, 125 anos de Memória*. Tecido de diferentes símbolos, esse seminário seria um marco para sua história. O Ecomuseu da favela realizava, no Museu da República, um encontro que colocaria na mesma mesa: a Universidade, na representação da UCAM/IUPERJ (Geraldo Tadeu); os museus tradicionais (Museu da República); e

os museus de favela (representado pelo Ecomuseu Nega Vilma e outras expressões comunitárias que compareceram e estiveram à mesa, dentre elas, Museu de Favelas – MUF – e Museu da Maré). De igual importância, seria a exposição “*Memórias do Morro*”, organizada pelo Ecomuseu Nega Vilma, que ficaria, por quase dois meses, no espaço do Museu da República. A abertura contou com a apresentação musical do Grupo Fala Brasil, com os sambas que também são partes intrínsecas de nossas memórias. A exposição apresentava leituras diferentes do morro, com artistas da favela (Fábio Nélio e Rogério Dedeu) e alguns de fora, dentre eles, Marco Terranova, Rosângela da Costa e Mario Barata. O artista lançado pelo Ecomuseu, Fabio Nélio, iniciou sua jornada como desenhista autodidata. No morro Santa Marta, expôs seus primeiros trabalhos no Ecomuseu Nega Vilma em 2012. Dedicou-se especialmente ao lápis de cor e grafite, produzindo edições em papel narrando o dia a dia do Santa Marta em épocas de violência.

Para Bruno Pongelupe, curador da L’Amateur Galeria de Arte:

*As obras de Fabio Nelio sintetizam o antigo cotidiano do Santa Marta por meio do tráfico. Elementos como armas, baile funk e tiroteios representam uma era do domínio de facções. É possível fazer uma analogia à obra Guernica de Pablo Picasso que foi exposta pela primeira vez no Museu da República Espanhola e retratou o bombardeio sofrido pela cidade. “Não, a pintura não está feita para decorar apartamentos. Ela é uma arma de ataque e defesa contra o inimigo”. (Pablo Picasso) Fabio hoje pinta pela paz e pela evolução social. Mas deixa claro que sua atenção ao passado não pode ser esquecida<sup>5</sup>.*

O Ecomuseu Nega Vilma teve sua primeira publicação internacional em 2013. No evento de pré-inauguração do Ecomuseu realizado em 2010, esteve presente o etnólogo Jean-Yves Loude que relatou sua visita no livro *Pépites Brésiliennes*, lançado em 2013, na França. Nesse mesmo evento, também estiveram presentes o antropólogo Milton Guran e Eulícia Esteves, professores da Universidade Cândido Mendes, que intermediaram a aproximação com esta Universidade por meio de uma bolsa de estudos cedida a Kadão Costa.

Após vários anos de diálogo, através do proponente do projeto, o Ecomuseu consolidaria sua primeira parceria institucional. No dia 28 de agosto de 2013, no décimo primeiro andar da Universidade Cândido de Mendes/IUPERJ, a equipe de gestão do Ecomuseu Nega Vilma começaria as reuniões para construção do projeto de pesquisa e extensão da Universidade. Após quase três meses de reuniões, debates, visitas da direção da UCAM ao morro Santa Marta e ao espaço do Ecomuseu Nega Vilma, seria construído o projeto de Extensão e Pesquisa com três áreas: Pesquisa, Acervo e Oficinas. Devemos pontuar como memória, que esse é o primeiro Programa de Extensão da Universidade Cândido Mendes que será realizado fora das dependências da universidade, isto é, no espaço da favela, no Ecomuseu Nega Vilma. Pela história política da Universidade Cândido Mendes e seus posicionamentos firmes contra a ditadura, certamente, esse será outro capítulo memorável para história do Ecomuseu Nega Vilma e seu papel no engajamento nas questões do Pico do Santa Marta, em particular, e do Rio de Janeiro, em geral.

### **Ecomuseu Nega Vilma: sempre inconcluso e por re-fazer**

A memória da força do Ecomuseu Nega Vilma é a gratidão. Gratidão por todos aqueles que passaram, ajudaram e se foram; gratidão porque, até nesse sentido, ele apresenta outra lógica de gestão sustentável, através cooperação participativa de amigos. Porém, o Ecomuseu Nega Vilma tem alguns grandes desafios, já que deseja continuar seu processo com responsabilidades maiores: a auto-sustentabilidade financeira, a consolidação e ampliação da equipe do Ecomuseu, a adequação do espaço, e, principalmente, manter viva a arte do encontro, a memória, a cultura da favela e do Brasil, a partir da vida de tantas Geraldas, Vilmas, Rosas e Sorrisos.

#### **Memórias do Morro<sup>6</sup>**

O Ecomuseu Nega Vilma é um olhar,  
um recorte, um discurso  
sobre um modo de existir  
tão complexo quanto o viver de tantos outros.

Apenas um...

Ser o que sempre foi  
Resistindo e preservando  
traços de sua essência.  
Sendo assim, já é.

Memórias de meus ancestrais  
Manejos tradicionais e saberes  
que só sei por que vivi,  
sobrevivi e quis saber.

De onde? Quem são? Por quê?  
Meus filhos vão entender,  
meus netos vão reconhecer

Tantas Vilmas e Geraldas  
Raízes africanas, matizes do Brasil  
Será sempre preciso dizer  
Para o tempo não esquecer

De onde,  
quem são  
e por quê?.

## Notas

\* Produtor Cultural, fundador e presidente do Ecomuseu Nega Vilma, localizado na comunidade de Santa Marta, na cidade do Rio de Janeiro.

\*\* Graduação em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB), graduação em Pedagogia pela Faculdade Batista, (FABAT), mestrado pelo STBSB e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio) e Universidade de Tübingen, Alemanha. Doutorando em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Consultor em Sustentabilidade do Ecomuseu Nega Vilma, na comunidade do morro Santa Marta (RJ) e do Ecomuseu Amigos do Rio Joana, no Complexo do Andaraí (RJ). Em 2013, participou do Grupo de Trabalho que sistematizou o documento final da XV Conferência do Movimento Internacional para Nova Museologia, Declaração do Rio MINOM 2013.

\*\*\* Musicoterapeuta, fundadora e consultora do Ecomuseu Nega Vilma, localizado na comunidade de Santa Marta, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

1 A exposição foi realizada no período de 14 de setembro a 22 de outubro de 2011. Para maiores informações ver: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.048/4027>>.

2 Ver Estatuto do Ecomuseu Nega Vilma, p. 1.

3 Ver: <[ecomuseunegavilma.wix.com/santamartarj](http://ecomuseunegavilma.wix.com/santamartarj)>. Confeccionado por Pollyanna Ferrari, Kadão Costa e Julyana Costa.

4 Arquivo dos autores.

5 Arquivo dos autores.

6 Poema de autoria de Kadão Costa e Pollyanna Ferrari.

## Referências

CHAGAS, Mário. **Novos Rumos da Museologia**. 1ª ed. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), 1994. v. 1. 1p.

DELAMBRE, Dell. <http://golparaoplaneta.wordpress.com>

MOUTINHO, Mário. Sobre o conceito de *Museologia Social*. **Cadernos de Museologia**. n. 1. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 1993, p. 5-9.

RIVIÈRE, George Henri. **La museología: curso de museología, textos y testimonio**. Madrid: Akal, 1989

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento. Crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.

VARRINE, Hugues. **As raízes do futuro**. o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Recebido em 24 de março de 2014.

Aprovado em 28 de julho de 2014.

## **Abstract**

Nega Vilma Ecomuseum dialogues with multiple social actors e authors. Its name bears the density of a resistant memory that is not present in the country's national museums. Its name brings the marks of a Brazilian woman, black, poor and living in a favela; it brings up questions that allude to the hegemonic power structures of the country, to discrimination, to the cultural history coming from the so-called "periphery", that afterwards gains "centrality".

**Keywords:** Ecomuseum. Nega Vilma. Santa Marta. Social Museology. Cultural Heritage.